Epistemologia

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

Caro leitor, permita-me sugerir que a questão da epistemologia não tem recebido a atenção que merece dentro da disciplina de crítica textual do NT. A epistemologia trata da natureza do conhecimento, incluindo origem e fundamentos. De onde vem o conhecimento? "O temor do SENHOR é o princípio do conhecimento" (Provérbios 1.7). Isso é correto? Só pode ser correto se o Soberano Criador existir – temer um ser inexistente não resultará em conhecimento verdadeiro. Qualquer evolucionista naturalmente excluirá o sobrenatural de qualquer modelo que ele crie, como fez Fenton John Anthony Hort. Observe que tal modelo não permite a possibilidade de um NT divinamente inspirado. A hipótese evolucionista, como teoria de origens, é cientificamente impossível; a evidência que nos cerca aponta claramente para a existência de um Criador incrivelmente inteligente e poderoso.

Se o Criador existe, e se Ele entregou uma Revelação escrita à nossa raça, nada deveria ser mais importante para nós do que saber o que Ele disse. Claro, porque Ele será a Fonte de todo conhecimento verdadeiro. Pare e pense. Se algum Ser criou nosso planeta com tudo o que ele contém, incluindo todas as formas de vida (as plantas têm vida), e principalmente incluindo nossa capacidade de raciocinar, Ele obviamente é competente para nos dar informações corretas sobre o que Ele criou. Ele é a Fonte da verdade objetiva sobre nosso planeta.[1] Como "sabemos" alguma coisa? Só se a tivermos experimentado, ou se outra pessoa a tiver experimentado e nos contar a respeito. Mas o que acontece se as experiências entrarem em conflito? E como podemos saber se ou quando interpretamos uma experiência corretamente? E como podemos lidar com interpretações conflitantes?

Se não há Criador para nos dar informações corretas, nosso 'conhecimento' está condenado a ser sempre parcial e incerto, quando não perigosamente equivocado. Isso é igualmente verdadeiro para aqueles que fingem que não há Criador. O desespero do relativismo e a incerteza implacável sobre tudo o que não é ciência dura é o resultado. O rei Salomão foi esperto o suficiente para discernir isso há 3.000 anos: "Vaidade de vaidades, tudo é vaidade!" (Eclesiastes 1.2).

Satanás vem enchendo o mundo com sofismas por 6.000 anos, de sorte que não há limite para o falso "conhecimento" por aí – inclusive na "ciência" da crítica textual do NT. Para alguém que afirma ser cristão, excluir o sobrenatural de seu modelo de trabalho é envolver-se em uma contradição epistemológica fundamental. Ele afirma ser um cristão, mas trabalha como um ateu. Qualquer um que exclua o sobrenatural

[1] Entre as Pessoas da Trindade, o Filho é declarado ser o Agente principal na criação do nosso planeta (Colossenses 1.16, Hebreus 1.10, João 1.10). Segue-se que Ele é a Fonte de toda sabedoria verdadeira e conhecimento concernente à vida neste planeta (Colossenses 2.3).

de seu pensamento obviamente não tem o Espírito Santo e, portanto, está bem aberto à interferência satânica em sua mente.[1]

Não adianta alguém alegar que está apenas tentando ser neutro; nem Deus nem Satanás permitirão a neutralidade. O Soberano Criador, enquanto Ele andava nesta terra como Jesus, foi bastante claro sobre o assunto. "Quem não é comigo é contra mim, e quem comigo não ajunta, espalha" (Mateus 12.30, Lucas 11.23). Observe que isso inclui tanto o que cremos quanto o que fazemos: espalhar é uma atividade. Trabalhar como um ateu é ser contra Jesus. Praticar a crítica textual ateísta é ser contra Jesus. A neutralidade não existe.

Em 1881, quando Westcott e Hort publicaram seu trabalho em dois volumes, John William Burgon imediatamente começou a demonstrar que a teoria e o trabalho deles eram contrários à evidência empírica. O biógrafo de Burgon escreveu o seguinte: "Burgon foi neste país [Inglaterra] o principal professor religioso de seu tempo".[2] Burgon era um homem de erudição inquestionável; seu biógrafo alista mais de cinquenta obras publicadas, sobre uma variedade considerável de assuntos. Seu índice de citações do Novo Testamento por líderes cristãos primitivos consiste em dezesseis grossos volumes manuscritos, encontrados na Biblioteca Britânica; contém 86.489 citações.[3] A erudição de Burgon nesta área da totalidade da disciplina nunca foi igualada. Ele talvez seja a única pessoa, viva ou morta, que pessoalmente cotejou cada um dos cinco grandes unciais antigos (conhecidos em sua época) – א,A,B,C,D – em sua totalidade (NT). Ele catalogou 374 MSS gregos; naquela época não havia nem microfilmes, ele tinha que ir pessoalmente até onde cada MS se encontrava.

Por causa do conhecimento em primeira mão de Burgon para com a evidência empírica, a sua refutação da teoria de Hort nunca foi respondida, pelo menos com base na evidência. Ele foi ignorado ou deturpado: 'tudo o que ele faz é contar MSS', uma falsidade perversa (e grotesca); 'ele simplesmente não entende genealogia', igualmente perverso e igualmente falso.[4] Mas a crítica mais estridente e contínua era que sua argumentação era teológica, porque ele cria na inspiração divina do NT

---

[1] Já escrevi extensivamente sobre o assunto da guerra espiritual bíblica. A maior parte pode ser encontrada em meu livro, *Guerra Espiritual Bíblica*. Também está disponível no meu site, www.prunch.org. Para começar, você deve meditar em Efésios 2.2, junto com Lucas 8.12 e 2 Coríntios 4.3-4.

[2] E.M. Goulburn, *Life of Dean Burgon* (London: John Murray, 1892, 2 vols.), I, vii.

[3] Leo Vaganay, *An Introduction to the Textual Criticism of the New Testament*, trans. B.V. Miller (London: Sands and Co., Ltd., 1937), p. 48.

[4] A maioria dos 'acadêmicos' e professores são realmente 'papagaios', apenas repetindo o que foram ensinados – eles nunca voltaram à fonte para ver se é verdade. Quantos "estudiosos" do NT grego já cotejaram sequer um manuscrito grego? (Será que Hort cotejou algum MS?) Eles aceitam cegamente o que foi escrito sobre o assunto, talvez não percebendo que a maior parte do que foi escrito foi feito por 'papagaios'.

e a defendia. É aqui que entra a epistemologia: os ataques contra Burgon eram realmente uma epistemologia maligna atacando uma epistemologia piedosa.

É impossível trabalhar sem pressupostos, em qualquer disciplina. Portanto, é perverso criticar alguém por tê-los. Dito isso, as pressuposições podem e devem ser avaliadas. Uma vez avaliada, uma pressuposição pode ser razoavelmente criticada. A evidência concreta (empírica) é presumivelmente a mesma para todos, mas a interpretação que se dá à evidência será controlada (ou pelo menos fortemente influenciada) por suas pressuposições. Segue-se que todo erudito honesto deve declarar abertamente suas pressuposições. Deixar de fazê-lo é repreensível.[1] Para alguém que não declara seus pressupostos criticar outrem por fazê-lo é pior que perverso – fingir que ele mesmo não tem nenhum é depravado (bem, talvez apenas tenha levado lavagem cerebral e sido cegado).

Embora eu não esteja na classe de Burgon como estudioso (viver na selva amazônica com um povo indígena não permitia pesquisas acadêmicas), também tenho sido constantemente criticado por declarar abertamente minha crença de que Deus tanto inspirou como preservou o NT. É até alegado que tal crença torna impossível fazer um trabalho acadêmico objetivo. Bem, bem, bem, se um servo de Deus não pode fazer um trabalho acadêmico objetivo, então um servo de Satanás certamente também não pode fazê-lo. Então, em que base um servo de Satanás critica um servo de Deus? Ele o faz com base em seus pressupostos, sua epistemologia.

Um irmão que mora em Curitiba, capital do estado do Paraná, escreveu recentemente a introdução de um livro em português que estou em coautoria. Ele elogia meu trabalho do ponto de vista da epistemologia. Achei seu argumento tão interessante (inspirou este artigo) que pedi sua permissão para usá-lo aqui. Seu nome é Carlos Eduardo Rangel Xavier. Peço ao leitor que se concentre no argumento dele e não se distraia com os elogios.

> O trabalho do Dr. Pickering dentro da crítica textual do NT (embora ele próprio não se considere um crítico textual[2]), especialmente no cotejo de manuscritos, é impressionante e incomparável. E, mais do que isso, sua teoria acerca da preservação do Novo Testamento por meio do grupo de manuscritos identificado por ele como Família 35 é dotada de uma solidez epistemológica, de um rigor metodológico e de um valor apologético igualmente impressionantes.
>
> Do ponto de vista epistemológico e apologético, o trabalho dele parte da premissa pressuposicionalista de que Deus dirigiu à raça humana uma revelação

[1] Enquanto eu era estudante no seminário teológico, fomos ensinados que nunca devemos questionar os motivos de outra pessoa. Ora, ora, de onde você acha que essa 'doutrina' veio?

[2] É verdade. Eu me considero um estudante do texto; o Texto está acima de mim. Um crítico está acima do texto. Não tenho uma teoria de crítica textual; minha teoria é sobre a preservação do texto.

escrita, e que não faria sentido que esta redação escrita não fosse preservada pela própria providência divina. Como todo primeiro princípio epistemológico, este ponto deve ser pressuposto, e o Dr. Pickering sempre faz questão de, demonstrando muita honestidade intelectual, deixar suas pressuposições bastante claras.

Mas é na análise das evidências empíricas que reside o impressionante rigor metodológico da teoria do Dr. Pickering.

Fazendo questão de enfatizar que a teoria tem uma base epistemológica pressuposicionalista, vou todavia introduzir a consideração das evidências empíricas a partir de um eixo completamente diferente. Como consequência do impacto recente que autores como Alvin Plantinga e William Lane Craig têm desempenhado sobre meus estudos, usarei, a seguir, lógica modal para trabalhar em bases de uma apologética evidencialista.

Deixando bem claro, portanto, que as linhas que seguem dizem respeito exclusivamente a um trabalho de argumentação persuasiva de lógica modal que eu estou construindo aqui (e não à forma como o Dr. Pickering constrói diretamente seus argumentos), posso enunciar as seguintes premissas para argumentar acerca da preservação do Texto do Novo Testamento na Família 35.

1) É possível que Deus tenha dirigido uma revelação escrita à humanidade.
2) Se Deus nos dirigiu esta revelação, é razoável que ela tenha sido preservada.
3) A existência de um texto preservado confirma 1) e 2).
4) O único tipo de texto que, objetivamente, se encaixa em 3) é o da Família 35.

Crer que Deus existe é uma decisão de fé. Mas não mero fideismo, uma vez que a fé cristã constitui, como já ensinou Alvin Platinga, uma crença avalizada e, assim, corresponde a conhecimento verdadeiro se o seu objeto de crença é verdadeiro. Os argumentos apologéticos tradicionais para a existência de Deus operam neste campo.

Por outro lado, a consideração histórica da pessoa de Jesus se relaciona com a questão da revelação, uma vez que todos os fatos básicos da fé cristã conduzem a Cristo como o ponto culminante do processo de autorrevelação de Deus na História.

Logo, se existe um Deus criador de todas as coisas, e se Ele decidiu se revelar a nós em Cristo, é perfeitamente razoável inferir que Ele também tenha deixado e preservado uma revelação escrita para nós.

Em outras palavras, a única premissa que se acrescenta por inferência aos fatos básicos da fé cristã é a preservação do Texto do Novo Testamento. Ou seja, o

teísmo trinitário do Dr. Pickering pressupõe não apenas o Deus criador, redentor e providente, mas agrega, por uma inferência racional simples, à Providência deste Deus a preservação do Texto do Novo Testamento.

De todo modo, é importante notar que, embora eu tenha remetido a prova de (1) à apologética tradicional, e que (2), adicionalmente, seja algo razoavelmente inferido a partir de (1), o fato é que, para fins de análise do argumento, a proposição (3) se segue a (1) e (2). Portanto, toda a validade do argumento depende apenas de provar (4); ou seja, que o texto da Família 35 é o único tipo de texto do Novo Testamento que pode, objetivamente, ser demonstrado como preservado. E é aqui que entra o trabalho de toda uma vida do Dr. Pickering.

É precisamente neste ponto, da demonstração da proposição (4), que o trabalho do Dr. Pickering deixa de ser apenas pressuposicionalista e passa a ser empírico, considerando as evidências de forma objetiva, algo que qualquer cientista contemporâneo de respeito procura fazer.

Ou seja, a demonstração da antiguidade e da independência do texto de Família 35 é feita a partir de argumentos objetivos e da comparação das evidências (quer dizer, de todos os manuscritos conhecidos). Nesse aspecto, também, o trabalho do Dr. Pickering é incomparável.

Aproveitando a correlação com a apologética, posso articular que o trabalho do Dr. Pickering com as evidências segue, assim como a apologética cristã, uma linha defensiva e uma linha ofensiva.

Do ponto de vista defensivo, o trabalho consiste em, seguindo a tradição iniciada por John Burgon, apontar para as incoerências dos postulados subjetivos da teoria eclética e demonstrar, objetivamente, a qualidade inferior dos manuscritos mais antigos.

Do ponto de vista ofensivo (no sentido de positivo, propositivo), o trabalho do Dr. Pickering consiste em considerar as possíveis linhas de transmissão do texto e analisar objetivamente as evidências disponíveis – ou seja, os manuscritos. A conclusão a que chega é que o único arquétipo objetivamente demonstrável para o texto de todo o Novo Testamento é a Família 35. [É certamente o único que foi demonstrado até agora.]

Obrigado, Professor Carlos! Qualquer um que lide de forma justa com meu trabalho[1] sabe que não uso argumentos sobrenaturais ou teológicos para defender a preservação divina do texto do NT. Minha afirmação de que a Família 35 preserva a redação original é baseada inteiramente em evidências empíricas, e dedução

[1] Visto que Satanás obriga seus servos a prevaricar, não espero ser tratado com justiça por eles.

lógica baseada nessas evidências. Se eu uso a providência divina, é apenas para explicar os fatos, não para chegar a eles. A única maneira de explicar o caráter interno da Família 35 é entender que Deus estava preservando Seu Texto.

Insisto que não sou um empirista puro. Meu trabalho está ancorado em uma premissa transcendental. Meu cotejamento de MSS forneceu a comprovação empírica da premissa. Não uso a premissa para chegar aos fatos; chego aos fatos empiricamente. Utilizo a premissa para explicar os fatos, uma vez determinados empiricamente. **A minha epistemologia é baseada na pessoa e na obra do Soberano Jesus**.[1]

[1] Hebreus 1.10, João 1.10 e Colossenses 1.16 deixam claro que das três Pessoas que compõem a Divindade, Jeová Filho foi o agente primário na criação de nosso planeta e nossa raça. Portanto, Ele é a Fonte de todo o verdadeiro conhecimento relativo à vida neste planeta, como Colossenses 2.3 declara claramente: "em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento".